

As mais antigas ruínas do mundo

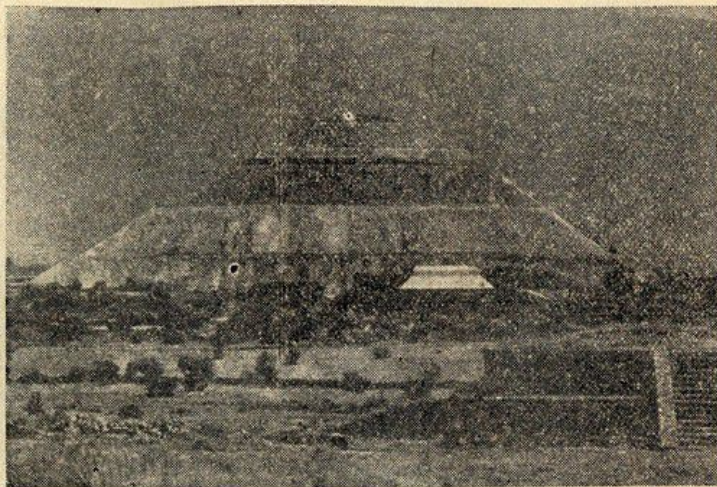
A alma das ruínas é melancólica. A luz, incidindo sobre as colunas tombadas, sobre as paredes mal apumadas, sobre as pedras negras das ruínas, empalidece,— e o Sol que as doira, nos dias gloriosamente luminosos, parece não ser o mesmo que amadurece os trigais e põe chamas de apoteose na orla palpitante das ondas.

Na velha maneira romântica, as ruínas surgem-nos iluminadas pelo clarão prateado e vago da Lua, ou à chama incerta dos archotes. Porque os românticos quiseram desta forma traduzir a sua melancólica expressão, e, no processo que adoptavam de socorrer-se do cenário para as evocações, como se não fôsse a própria essência das coisas a razão única das emoções que elas nos despertam, era sempre no mistério da noite ou na claridade dúbia do crepúsculo que auscultavam a alma das ruínas.

Mas, mesmo em plena Luz, subsiste essa melancolia que nos confrange:— não ha Sol que dissipe a sombra nas ruínas, não ha Luz que as faça gargalhar a alegria estuante de viver.

Pelas ruínas perpassa a alma errante e condenada do Passado. E, quer elas evoquem um grande crime ou uma glória desaparecida,— sempre nelas ha um enigma que nos perturba e faz mal, contra elas protesta a nossa ânsia bendita de viver. A alma que ali reside não é a companheira consoladora das nossas horas de aflição:— é o símbolo da descrença na Vida.

Umas ruínas existem que, mais que nenhuma outra, guardam ciosas a chave dum enigma profundo. Restos duma civilização para sempre destruída e da qual



Vista da pirâmide do Sol

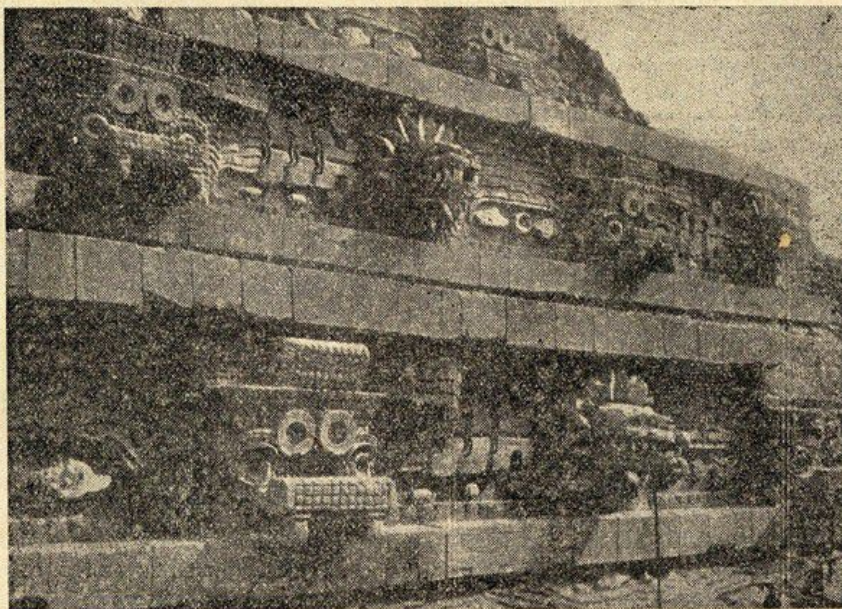
são as únicas recordações, se, como ruínas, são cadáveres despedaçados, esqueletos roídos pelos séculos, como arquivo histórico são um livro a que o Tempo apenas deixou a cinza das páginas e a carneira corroída da lombada. Lê-lo, é impossível. Cem séculos ha, ou mais talvez, que êle foi escrito, e interpretá-lo ninguém conseguiu ainda:— São as ruínas de S. João de Teotiuacan, a quarenta e cinco quilómetros da capital do México.

Ruínas misteriosas, nada sabem dizer dos homens que ergueram os edifícios de que elas são os restos. Um véu tenebroso tem até hoje ocultado tudo quanto diz respeito aos entes que povoaram aquela região, ha dez mil anos talvez. Os mistérios do antigo Egipto estão desvendados, conhece-se a história dos remotos templos de El-

lora, na Índia, e as pedras da grande muralha da China falam das luctas e das invasões. Os *dolmens* e os *cromlecks* celtas são livros abertos para os entendidos:— mas as ruínas de Teotiuacan são mudas!

Pirâmides quadrangulares, como as egípcias, erguem para o alto os seus cumes que viram já milhões de vezes o Sol sumir-se para lá das cordilheiras que sentinela o horizonte. Animais fantásticos surgem nos altos relevos dos muros. Mas ninguém conseguiu ainda interpretar, desvendar o mistério sombrio dessas construções estranhas.

Um enigma maior que todos os outros avassala a inteligência perscrutadora dos arqueólogos:— como, a milhares de quilómetros de distância, se explica a existência de monumentos similha-



Detalhe dos corpos que formam o Templo de Quetzalcoatl

tes aos egípcios ? Como é que se notam ali características que denunciam a origem ariana dos remotos habitantes daquelas ruínas ? Enigma profundo que parece vir confirmar a existência da fabulosa Atlântide de Platão, desaparecida num cataclismo que data de muitos milhares de anos, e onde a Humanidade conquistara um admirável grau de civilização. Só assim, admitindo a ligação por terra firme, explicam alguns a influência duma raça desconhecida nos habitantes de dois pontos que ocupam no esferoide terrestre territórios diametralmente opostos.

O que eram as pirâmides de Teotihuacan ? Mausoleus, como as do Egipto ? monumentos a ignotas divindades ? Não se sabe. As duas maiores chamam-se *do Sol e da Lua*. A primeira mede 64 metros de altura e cobre 46.225 metros quadrados de terreno ; a pirâmide da Lua tem menores dimensões : mede apenas 42 metros de alto e 18.000 metros quadrados de base. Rodeiam-nas muitas outras mais pequenas, mas com as mesmas características de construção.

Nas escavações que se teem feito ali, encontraram-se

ossos, esqueletos, pedras com caracteres em relêvo. A serpente alada, divindade de ignorado poder, abre por toda a parte as suas fauces crueis. E o mistério paira sobre o silêncio dessas ruínas, como aza desolada e fria que dali, para todo o sempre, pretende afastar a Vida.

Que terão visto essas pedras gravadas, êsses olhos terrificantes de monstros desconhecidos? Que cataclismo destruiu os homens que ergueram êsses monumentos estranhos e esculpturaram essas figuras apocalípticas?

Só uma coisa se sabe: — são estas as mais antigas

ruínas existentes no Mundo, e, apesar disso, revelam já extraordinários conhecimentos da arte de construir.

Da radiosa luz que inunda a Vida para as trevas da mais remota recordação do Passado, só passam certas criaturas cuja sensibilidade é para nós um problema. Deixemo-las escavando nas ruínas de Teotihuacan ou devassando os túmulos egípcios, — que os nossos olhos só procuram ver para além e jamais retrocedem a mergulhar na sombra do caminho percorrido pela Humanidade há milhares de anos.